

Não depende de vontade

RAUL PILATI

DA EQUIPE DO CORREIO

A economia não cresce por determinação, ordem ou comando de alguém. Cresce por que as condições são favoráveis aos investimentos, o governo poupa mais do que arrecada e as leis são constantes e equânimes, principalmente. Mas o governo finge que não sabe nada disso. Mesmo que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o ministro da Fazenda, Guido Mantega, o secretário-geral da Presidência, Luiz Dulci, garantam em coro que o PIB vai terminar o ano 4% maior, isso não vai acontecer por profissão de fé, reza braba ou vontade, por melhor que seja.

O país sofre as consequências das escolhas políticas do governo de como tratar a economia. Se estamos crescendo pouco, não é possível culpar outro a não ser os próprios responsáveis pelas medidas adotadas. Olhar os fatos a posteriori é um privilégio da sociedade para avaliar a competência dos governantes. O que se vê com a queda das previsões para o desempenho da economia é a soma de atitudes do Ministério da Fazenda e do Banco Central.

O primeiro eleva progressivamente os gastos, por ordem do senhor presidente. Para cobri-los, tira mais dinheiro da sociedade. Lembremos que os recursos não estão sendo usados para reduzir a trilionária dívida pública, mas, basicamente, para pagar o déficit da Previdência (R\$ 41 bilhões), o Bolsa-Família (R\$ 8,5 bilhões), o reajuste dos funcionários públicos (R\$ 7 bilhões) etc. Quanto maior a carga tributária, menos dinheiro sobra para o consumo das famílias e empresas.

Por conseguinte, o setor produtivo investe menos na ampliação das fábricas, no comércio e tudo o mais. E o investimento é a peça chave do crescimento econômico, principalmente no longo prazo. Portanto, não é surpresa a desaceleração da produção. A carga tributária vem crescendo há anos e atingiu nível recorde em 2005. Nem o governo pode se dizer surpreso, por mais frustrante que seja o resultado econômico.